

Reportagem Especial *

Arquivos da ditadura

● Lei de Acesso

O Estado localizou as fotos de Berbert morto no Arquivo Nacional graças à Lei de Acesso à Informação.



Militares. Soldados do Exército circulam por Natividade e se postam em frente à antiga delegacia, onde Berbert foi encontrado enforcado com uma corda que teria sido dada por moradora

AS TESTEMUNHAS DO ENTERRO DE BERBERT

Três irmãs dizem que corpo de guerrilheiro foi sepultado perto do jazigo do pai, que morreu no mesmo dia; em 1992, comissão fez buscas em local incorreto

que ganhou de presente de uma moradora da cidade. Com a notícia da morte de Berbert se espalhando pela cidade ainda na madrugada, começou uma romaria para ver o “terrorista” morto e para o velório de seu Domingos.

Os dois sepultamentos foram marcados para o mesmo horário, por volta das 17 horas. O antigo morador da cidade foi enterrado primeiro. Em seguida, o jovem forasteiro, registrado à época como João Silvino Lopes. No livro 001 do Cartório de Registro Civil da cidade constam os dois óbitos.

“Ele foi enterrado bem aqui”, aponta Maria Helena, em frente ao espaço onde hoje se encontra uma lápide branca. “Nada disso existia. Tinha apenas uma árvore e esse foi o problema. Arrancaram a árvore e o pessoal da comissão quis cavar perto de outra. Só que o lugar estava errado”, garante. Nair reforça a opinião de irmã: “Eles foram amba-

Alana Rizzo / TEXTOS

Wilson Pedrosa / FOTOS

ENVIADOS ESPECIAIS | NATIVIDADE (TO)

Enquanto esteve preso, virou atração na cidade

única busca pelo cor-



Três irmãs dizem que corpo de guerrilheiro foi sepultado perto do jazigo do pai, que morreu no mesmo dia; em 1992, comissão fez buscas em local incorreto

Alana Rizzo / TEXTOS

Wilson Pedrosa / FOTOS

ENVIADOS ESPECIAIS / NATIVIDADE (TO)

A única busca pelo corpo do guerrilheiro Ruy Carlos Vieira Berbert não deu em nada. A missão da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, em 1992, escavou o lugar errado. É o que sustentam três filhas de um morador da cidade que morreu na mesma noite que o então guerrilheiro do Movimento pela Libertação Popular (Molipo). Elas afirmam que o jovem foi enterrado no antigo cemitério da cidade, em uma sepultura logo na frente da do pai.

Na semana passada, a Comissão da Verdade do governo federal reabriu as investigações sobre a morte do ex-guerrilheiro depois que o Estado revelou a existência de fotos inéditas de Berbert, comprovando que o governo militar sempre soube

Enquanto esteve preso, virou atração na cidade

● Quarenta anos após a morte de Ruy Berbert, Natividade, de 9 mil habitantes, ainda não conseguiu esquecer o acontecimento. Berbert virou atração durante os dias que passou na cadeia municipal. Os moradores conversavam com ele pela grade da cela, levavam comida, bebida, cigarro. De frente para a praça e para a igreja, hoje a cadeia virou um museu, que, no entanto, não faz nenhuma menção ao guerrilheiro ou à sua morte. / A. R.

de sua morte em 1972, mas escondeu a informação de seus parentes. A Comissão também vai organizar nova busca pelos seus restos mortais.

Filhas de Domingos Nunes da Silva, Nair, Maria Helena e Eunice são testemunhas-chave da madrugada de 2 de janeiro de 1972, data da morte de Ber-



Local. Maria Helena mostra onde foi sepultado o corpo de Ruy Berbert

bert, e do dia seguinte. Elas passaram a noite ao lado do pai, no antigo casarão colonial, localizado bem atrás da cadeia da cidade. Recordam de ouvir barulhos durante a madrugada e das últimas palavras do pai: “Estou acabando. Um jovem e uma mula também”.

Foi assim que o pai, já muito doente,

faleceu. Eunice foi até a sua casa, do outro lado da quadra, avisar outros parentes que aguardavam notícias. “Ouvi um grunhido. O barulho até hoje não sai da minha cabeça. Na volta, passamos em frente à cadeia e o vibalanchando”, conta.

A versão dos militares sustenta que Berbert se suicidou com uma corda

ro, registrado à época como João Silvino Lopes. No livro 001 do Cartório de Registro Civil da cidade constam os dois óbitos.

“Ele foi enterrado bem aqui”, aponta Maria Helena, em frente ao espaço onde hoje se encontra uma lápide branca. “Nada disso existia. Tinha apenas uma árvore e esse foi o problema. Arrancaram a árvore e o pessoal da comissão quis cavar perto de outra. Só que o lugar estava errado”, garante. Nair reforça a opinião da irmã: “Eles foram embora antes de terminar. Eles perguntavam para muita gente e acabaram ficando perdidos”.

As irmãs sabem, no entanto, que localizar os restos de Berbert não é uma tarefa fácil. “Era comum enterrar um corpo em cima do outro. Devem ter outras duas ou três ossadas na mesma sepultura”, comenta Helena. O coveiro da época já morreu, assim como outras diversas testemunhas da época.

Em 1992, a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos foi até Natividade tentar esclarecer a morte do jovem. Sem sucesso na busca pelo corpo, a família conseguiu o atestado de óbito de Berbert, assinado por um enfermeiro que já morreu, porém. Os familiares conseguiram cancelar o antigo registro em nome de João Silvino.

‘OPERAÇÃO LIMPEZA’ TERIA LEVADO CORPO

NATIVIDADE (TO)

Secretário da Junta Militar de Natividade em 1972, Ayram Bispo Macedo admite a possibilidade de o corpo de Ruy Berbert ter sido retirado do cemitério local cerca de dois anos após o enterro, em uma “operação de limpeza” do Exército – o que reforçaria a tese de que o ex-guerrilheiro do Molipo não se suicidou na cadeia, mas foi morto pelos militares. “Ele foi enterrado no cemitério de Natividade, mas houve comentários de que o corpo teria sido retirado. É possível.”

Ayram recorda-se ainda de uma conversa com um coronel do Exército, em Brasília – no ano seguinte à morte de Berbert –, na qual o militar se referiu ao jovem como o “terrorista que nós matamos em Natividade”. A prisão dele, segundo relata, não ocorreu por acaso. O delegado Pedro Lopes, o Pedrão, estaria avisado da passagem de um grupo de guerrilhei-

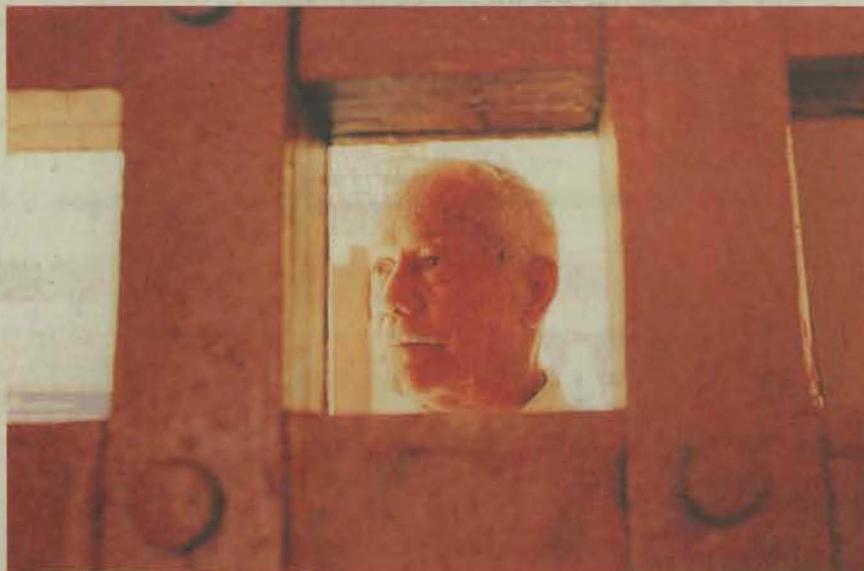
ros pela região e teria recebido inclusive um comunicado pelo rádio para relatar aos militares qualquer novidade. “Sabíamos que eles estavam vindo da Bahia, depois da queda do Lamarca.”

Os documentos da Operação Ilha obtidos pelo Estado também comprovam a importância das forças de segurança locais. “Em pouco tempo, policiais federais de Goiás estavam na cidade. Foi tudo muito rápido”, conta Macedo.

Berbert foi preso durante uma batida policial no hotel onde estava hospedado. Como só apresentou carteira de trabalho, foi levado para a delegacia e então preso. Na mochila, tinha uma granada.

Aos 74 anos, o escrivão aposentado diz que, hoje, condena “absurdamente” o que foi feito durante a ditadura militar.

O Estado localizou em Silvanópolis, cidade vizinha a Natividade, a ex-mulher do delegado Pedrão, que morreu há 16 anos. Maria Soares conta que o marido era próximo das principais forças de segurança pública da época. “Pedrão era muito influente. Como veio de



Más lembranças. Tonhera, o fotógrafo, não gosta de falar sobre Berbert

Goiás, conhecia todos na secretaria de segurança do Estado.” O relatório do SNI sobre a morte de Berbert foi elaborado pela Polícia Federal de Goiás.

Segundo Maria, Pedrão, apesar de reservado, nunca esqueceu a morte do rapaz na cadeia da cidade. “Ele falava que era um moço muito novo, mas que era comunista. Tinha a preocupação de que, você sabe, as aparências enganam, né? Não queria que achassem

que tinha acontecido alguma coisa lá na cadeia. O rapaz se matou. Ninguém sabe o porquê.”

Fotos. Único fotógrafo de Natividade, Antônio Rodrigues de França, o Tonhera, reconheceu as fotos publicadas pelo Estado. “São minhas mesmo. Eu que fiz.” O fotógrafo afirma que foi um dos primeiros a entrar na cela onde Ruy Berbert apareceu morto. “Estava em casa

quando o delegado mandou me chamar. Peguei minha máquina Yashica e um filme. Fotografei e fui embora.” Tonhera não gosta de falar sobre o assunto. Corta qualquer pergunta e costuma sempre responder com “não lembro” ou “faz muito tempo”. Ao entrar pela segunda vez na cela, agora 40 anos depois, emudeceu. Em seguida, desviou o olhar de onde encontrou o corpo. “Ele estava pendurado no canto direito, próximo à parede. Vestia camisa branca, calça e bota”, recorda, referindo-se a Berbert como subversivo.

Tonhera diz que fez fotos dele ainda preso à corda, mas essas não constam dos documentos encontrados no Arquivo Nacional. “Fiz umas três e depois outras três no chão. Lembro que as meninas até arrumaram o cabelo dele.” O filme foi entregue aos militares. “Se ele quisesse sair, tinha saído. Ele (Berbert) escolheu morrer. A gente não sabe por quê.” / A. R.

estadão.com.br

Vídeo. Moradores de Natividade relembram caso Berbert

www.estadao.com.br/e/casoberbert